

O SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS E A POESIA CONCRETA: ALGUMAS TRAVESSIAS

Por Fabio Maganha

“O real não está na saída, nem na chegada: ele se dispõe pra gente é no meio da travessia.”

João Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*.



Em conformidade com a resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009, que aprovou a Tipificação de Serviços Socioassistenciais no Brasil, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) é realizado em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas a seus usuários, de acordo com o ciclo de vida, a fim de complementar o trabalho social com a família e prevenir a ocorrência de situações de risco social. Essa é uma forma de intervenção planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território.

O SCFV organiza-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Possui caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação dos direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades, com vista ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social.

A poesia, uma arte eminentemente social, é uma atividade humana milenar, presente em todas as sociedades. A fim de possibilitar uma reflexão abran-

gente sobre a função social da poesia, trouxemos a poesia concreta para potencializar as relações interpessoais no C.C.A. (Centro de Atendimento à Criança e ao Adolescente). Os poemas foram expostos em uma parede e em uma mesa em formato de dobraduras, cartazes, obras pictóricas, desenhos e, sobretudo, muita observação e escuta.

De acordo com Angela Maria Gasparetti:

“ (...) a Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada por iniciativa do grupo concreto paulista, por Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari, no MAM/SP, em dezembro de 1956, e, no Rio de Janeiro (Ministério da Educação e Saúde), em janeiro e fevereiro de 1957, formaram por artistas das duas cidades. Essa exposição se tornou a primeira de caráter nacional envolvendo as artes de vanguarda, tanto no campo das artes visuais como da poesia concreta. Era composta de cartazes-poemas, obras pictóricas, esculturas e desenhos, de palestras e conferências, além do manifesto de 1956 sobre a teoria da poesia concreta (CASPRETTI, 2012, p. 2). ”

REFLEXÃO

A poesia concreta abandona a organização sintática e abole o verso, aproveitando a materialidade da linguagem e a espacialidade visual das palavras. Ao reinterpretar e ao recriar a estrutura da linguagem o leitor assume um papel mais atuante, capacitando-se para melhor ler, interpretar e atuar no mundo.

O leitor da poesia concreta pode identificar-se com o poeta, tornando-se coautor da obra, uma vez que lê interagindo e não somente assimilando. O leitor-criador percorre a mesma trajetória do autor ao dialogar com as disposições espaciotemporais do poema, realizando, assim, uma leitura performática. Para Zumthor (2000, pp. 39-40), “a performance é o único modo vivo de comunicação poética”. Ainda de acordo com o autor:

“ A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados, naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca. (ZUMTHOR, 2000, p. 37). ”

Percebe-se no poema concreto a importância do espaço como o ambiente de recriação da obra artística pelo espectador. A potencialidade visual e a presença física que os poetas concretos dão ao texto o tornam, ao mesmo tempo, imagem e objeto. A reciprocidade entre informação e suporte, a fisicalidade do suporte interpenetra o poema, aproveitando a materialidade da linguagem. Encontramos no poema concreto um poder colocador de existência, na medida em que para realizar sua leitura necessitamos do engajamento do corpo, isto é, uma leitura performática.

Por intermédio da observação no C.C.A. (Centro de Atendimento à Criança e ao Adolescente), escutamos três meninas atendidas pelo SCFV revirando a cabeça e movimentando o corpo para ler uma poesia concreta, intitulada “Cresce” (2010), do poeta Arnaldo Antunes, que deixamos exposta sobre uma mesa. Refletindo sobre esta interação, compreendemos a importância da poesia concreta naquele ambiente de aprendizagem mútua, pois, ao recitar a poesia simultaneamente, as meninas nos fizeram enxergar outras palavras – entre elas, a palavra “recrescer”.

Portanto, crescemos novamente, “recrescemos” na arte de conviver, sentimos nessa interação que só podemos ensinar se estivermos dispostos a aprender. Se pararmos de aprender, será mais difícil ensinar. A poesia concreta, tal qual um jogo de capoeira, marca

e é marcada pela interdependência do processo de ensino-aprendizagem.

Ninguém ensina ou aprende sozinho; somos marcados e marcamos nosso cotidiano de “ensinagem”. De acordo com mestre Curió (1998), “o capoeirista não sabe o que faz, os dois sabem, os dois são um só”. Bem como a poesia concreta, que só se concretizará a partir da interação autor-texto-leitor. Sendo assim, a poesia concreta pode nos ajudar a conviver melhor, a ler de maneira terna e séria, leve e profunda, a ler o mundo ao nosso redor de forma prazerosa e poética. Para realizar travessias primorosas, nossa pátria mãe gentil terá de oportunizar leituras amplas na vida de todos os brasileiros.



Foto: iStock.

Fabio Maganha é supervisor do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos “De Olho no Futuro”, da PAULUS, em Osasco.